

## FONTES HISTÓRICAS NA ESCOLA: SABERES, EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA<sup>1</sup>

Lêda Rodrigues Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta os resultados do projeto de extensão “Fontes históricas na escola: saberes, experiências e práticas metodológicas no ensino de História” desenvolvido em escola pública na cidade de Oeiras-PI entre os anos de 2016 e 2017. Esse projeto buscou permitir o diálogo da História ensinada no âmbito acadêmico em suas dimensões de ensino e pesquisa com as demandas da escola pública, integrando educação superior e educação básica. Para isso, buscou-se promover o incentivo e formação para a docência dos discentes de Licenciatura Plena em História do Campus Professor Possidônio Queiroz, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), sobretudo com a prática da observação, preparação e aplicação de diferentes fontes históricas na prática docente em sala de aula. Assim, a equipe constituída por dois discentes (bolsista e voluntário) e, duas professoras do curso de História (coordenadora e colaboradora) realizaram várias etapas para o desenvolvimento do projeto como, por exemplo: reuniões periódicas da equipe para debater as atividades com fontes históricas, reunião da equipe com o professor de História para socializar o projeto e a necessidade de contribuir tanto com a formação de futuros docentes quanto com a ampliação das possibilidades metodológicas no ensino de História, etc. A base teórica e metodológica do projeto foi constituído de bibliografia que tratam do ensino de História e acerca do uso das fontes históricas em sala de aula (FONSECA, 2008; KARNAL, 2013; BITTENCOURT, 2011; PINSKY, 2010; FONSECA, 2011; PINSKY, 2011; PINSKY, LUCA, 2013), além de entrevistas com professores e alunos da educação básica.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Fontes históricas. Metodologias de ensino.

---

<sup>1</sup> Artigo que aponta os resultados do Projeto de Extensão “Fontes históricas na escola: saberes, experiências e práticas metodológicas no ensino de História”, com financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEU), da Universidade Estadual do Piauí e desenvolvido no período de 2016-2017 sob coordenação da Professora Assistente II, Lêda Rodrigues Vieira e colaboração da Professora Ma. Michelle Araújo Dias e, desenvolvido pelos acadêmicos bolsista e voluntários, Valderlany Mendes Dantas e Raonne Raphael de Sousa Torres Pais Ladin, respectivamente.

<sup>2</sup> Mestrado em História do Brasil. Professora Assistente II da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira. E-mail: ledarodrigues@phb.uespi.br

## INTRODUÇÃO

A escola é o lugar onde se interioriza normas e, em sua grande maioria, tem o livro didático como elemento principal de transmissão dos conteúdos das disciplinas. No ensino de História, por exemplo, os livros didáticos e paradidáticos são ainda muito utilizados pelos professores no cotidiano escolar, principalmente como ilustração, complemento, com pouca criticidade e problematização por parte dos alunos. Essa realidade da prática pedagógica do professor de História vem se modificando ao longo do tempo com o uso de diferentes fontes históricas, pois para atingir o conhecimento da complexidade da existência dos homens no tempo e espaço, necessitou-se ampliar as metodologias de ensino em que “o professor assuma o papel de ‘animador’ do conhecimento” e, para isso, os documentos se tornaram a principal ferramenta para desenvolver nos alunos uma leitura objetiva da realidade social. (NIKITIUK, 2009, p. 37)

De acordo com os PCNs de História:

Os documentos são entendidos como obras humanas que registram, de modo fragmentado, pequenas parcelas das complexas relações coletivas. São interpretadas, então, como exemplos de modos de viver, de visões de mundo, de possibilidades construtivas específicas de contextos e épocas, estudados tanto na sua dimensão material (elementos recriados da natureza, formas, tamanhos, técnicas empregadas), como na sua dimensão abstrata e simbólica (linguagens, usos, sentidos, mensagens, discursos). (PCN, 1996, p. 65).

Diante disso, os historiadores assumem uma nova postura com o uso das fontes históricas, pois passam a incorporar em suas análises uma diversidade de manifestações das relações humanas como textos literários, a música, a pintura, a charge, a TV, as fotografias, o cinema, etc. (VIEIRA, 2007). Assim, a prática do professor em sala de aula também se modifica, pois passam a questionar essas diferentes fontes históricas, visando contribuir com o olhar crítico-reflexivo do aluno.

Esse artigo tem o objetivo de apresentar os resultados de um ano de ações do projeto de extensão “Fontes históricas na escola: saberes, experiências e práticas metodológicas no ensino de História”, desenvolvido em escola pública da cidade de Oeiras-PI. A ideia do

projeto foi permitir acesso aos acadêmicos de História a prática docente, sobretudo com o uso das fontes históricas em sala de aula. Mas, antes de expor esses resultados, cabe discutir o papel do professor na educação básica e como as fontes históricas permitem ao aluno do ensino fundamental o acesso a consciência histórica.

## **FONTES HISTÓRICAS E O ENSINO DE HISTÓRIA**

A História no ensino fundamental tem o objetivo de “estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas”. (BRASIL..., p. 350). Assim, o aluno deverá reconhecer o sujeito e o objeto histórico, os diferentes tempos, os documentos e linguagens produzidos pelos homens em determinado tempo e espaço.

Para alcançar esses objetivos do ensino fundamental, o professor de História precisa atuar como orientador, estimulando o aluno a conhecer, criticar, interrogar e pesquisar, ler os registros históricos produzidos pelos homens, alcançando sua autonomia na busca pelo conhecimento. Porém, o discurso do professor perpassa relações de poder que regulamentam a sua prática, pois sua fala “submete-se, no entanto, não só a normas da gramática e da teoria eleita como fundamento da disciplina, como também às normas institucionais e do estabelecimento” de ensino no qual atua. (NIKITIUK, 2009, p. 56)

O professor também precisa estabelecer uma relação de confiança e amizade com os alunos para que possa obter sucesso na prática docente. Para Paulo Miceli, “o bom desempenho da função docente é aquela que recomenda a valorização da experiência cotidiana dos alunos” (PINSKY, 2009, p. 38) que já trazem para a escola seus conhecimentos acumulados do âmbito familiar e social. Além disso, o professor de História ensina com a impossibilidade da neutralidade, pois “ensinar História também significa comprometer-se com a estética de mundo, onde guerras, massacres e outras formas de violência precisam ser tratados de modo crítico”. (MICELI apud PINSKY, 2009, p. 39)

Portanto, aos historiadores e ao professor de História:

[...] incumbe recuperar lágrimas e risos, decepções e esperanças, fracassos e vitórias, fruto de como os sujeitos viveram e pensaram sua existência, forjando saídas na sobrevivência, gozando as alegrias da solidariedade ou sucumbindo ao peso de forças adversas. (p. 12)

Essas experiências são expressas em diversos vestígios e registros: escritos, objetos, palavras, música, literatura, pintura, arquitetura, fotografia, filme. Porém, nem sempre esse número variado de fontes foi utilizado pelo historiador. A História tradicional privilegiava, sobretudo, os documentos oficiais, por serem considerados a garantia da objetividade por parte do historiador que tinha a habilidade de descrever, sem problematizar. Com a nova história que surgiu na França em torno da revista *Annales* (1929), buscava reagir contra o paradigma tradicional, propondo uma história total com a ampliação de temas de análise (infância, morte, loucura, corpo, etc) e, conseqüentemente ampliam-se as perguntas a diversas fontes históricas que passam a ser perscrutadas pelos historiadores como, por exemplo: fontes orais, imagens, objetos físicos produzidos pelo homem (diários, xícaras, cadeiras, quartos, etc), estatística, sonoras, etc.

O ensino de História durante muito tempo, principalmente nos séculos XVIII ao XX, se caracterizava pela predominância e valorização dos conteúdos e conceitos, sobretudo do passado. O professor de História era considerado um “mestre” depositário do conhecimento totalizante e, com o uso exagerado de aulas expositivas, “[...] o aluno assume, em sala de aula, a condição de objeto a ser moldado”, sendo um ser passivo e não tendo a iniciativa de questionar e alcançar de forma autônoma o conhecimento. (NIKITIUKI, 2009, p. 61) Atualmente, o professor de História que domina o conteúdo e planeja suas aulas, precisa ser orientador do aluno e estimulá-lo a ter uma postura investigativa e participante, pois o mundo em constante mudança pede sujeitos ativos, questionadores e críticos da realidade social.

Diante dessa nova realidade do ensino de História, “o professor de perfil tradicional encontrará, cada vez mais, dificuldade para interagir com os alunos, se ele não estiver em sintonia com as inovações de seu tempo”. (NIKITIUKI, 2009, p. 63) Assim, torna-se cada vez mais necessário projetos de extensão universitários que propõe a formação prática dos acadêmicos de licenciatura em História, sobretudo quanto ao acesso a diferentes propostas metodológicas no ensino.

## **PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA ESCOLA PÚBLICA**

O Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEU) tem o objetivo de apoiar projetos de extensão pleiteados por docentes da Universidade Estadual do Piauí, visando estimular e promover a formação prática dos discentes e contribuir com o diálogo entre a Universidade e a sociedade. Assim, o PIBEU busca:

Estimular e apoiar, por meio de bolsas para estudantes, desenvolvimento das ações extensionistas como prática acadêmica e sociocultural na UESPI, bem como ampliar conhecimentos nas áreas temáticas de extensão e fortalecer a relação ensino, pesquisa e extensão. (EDITAL PIBEU, 2016)

Diante desse objetivo, o projeto de extensão “Fontes históricas na escola: saberes, experiências e práticas metodológicas no ensino de História” foi aprovado em processo de seleção do edital PIBEU-UESPI 2016-2017, tendo como objetivos: proporcionar aos discentes, bolsista e voluntário, a possibilidade da observação da prática docente, bem como produzir e aplicar metodologias de ensino na área de História, sobretudo com as fontes históricas na escola pública. Nesse sentido, o projeto foi desenvolvido na Escola Estadual Costa Alvarenga, em Oeiras-PI e, realizou algumas etapas: leitura e debate sobre ensino de História; observação da prática docente do professor de História; produção e aplicação de micro-aulas e metodologias de ensino, sobretudo com o uso das fontes históricas como possibilidade didático-metodológica.

Esse projeto de extensão surgiu da preocupação por parte da professora coordenadora com o processo de formação inicial dos futuros docentes que se formam no âmbito acadêmico com acesso a diferentes discussões teóricas da História, mas que enfrentam, na maioria das vezes, dificuldades de apresentar os conteúdos e conceitos históricos em sala de aula, bem como, a pouca compreensão e desânimo dos alunos da educação básica com a disciplina de História. Diante dessa realidade comum a grande das experiências no ensino de História, as fontes históricas podem funcionar como possibilidade metodológica.

No entanto, o uso das fontes históricas em sala de aula deve ocorrer conforme os objetivos das aulas e, assim, “o desafio para o professor é exatamente ter critérios para a seleção desse recurso” e, ao mesmo tempo, “favorecer sua exploração pelos alunos de

maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais”. (BITTENCOURT, 2011, p. 330) Com isso, a ideia é permitir o acesso do aluno a diferentes registros do passado que podem ser escritas, visuais e sonoras como, por exemplo, livros, revistas, jornais, quadros, fotografias, filmes e músicas.

O projeto teve início com o contato com o professor de História da Escola Costa Alvarenga, onde foram apresentados os objetivos do projeto de extensão PIBEU e como os alunos bolsista e voluntário atuavam na escola e no ensino de História. Com isso, o professor de História da escola demonstrou aberto a realização do projeto, aceitando a proposta e contribuindo com sugestões.

Antes de iniciar as atividades do projeto, foram realizadas algumas reuniões entre o professor de História da escola, as professoras coordenadora e colaboradora e os alunos bolsista e voluntário do projeto, visando oferecer sugestões de atividades a serem aplicadas em sala de aula. A ideia inicial foi conhecer a turma, as dificuldades dos alunos com o conhecimento histórico, a realidade de infraestrutura da escola e, como o professor aplica os conteúdos de História aos alunos.

Depois desse primeiro contato com a escola, os acadêmicos bolsista e voluntário do projeto se reuniram para planejar a primeira atividade que seria aplicada em sala de aula. O tema da aula foi “O mundo capitalista e a desigualdade social” e, inicialmente planejou-se a realização de uma aula expositiva com a apresentação do conteúdo do livro didático e, logo depois ocorreu a exibição do documentário *Ilha das Flores*<sup>3</sup> (1989). A escolha desse documentário deve-se por apresentar questões do mundo capitalista, sobretudo o consumismo exacerbado e a desigualdade social. A ideia foi estimular os alunos a debater conceitos fundamentais do mundo industrial e capitalista.

---

<sup>3</sup> Documentário com roteiro original de Jorge Furtado de 1988 e aprovado para produção em 1989 na Casa de Cinema de Porto Alegre “A idéia do filme é mostrar o absurdo desta situação: seres humanos que, numa escala de prioridade, se encontram depois dos porcos. Mulheres e crianças que, num tempo determinado de cinco minutos, garantem na sobra do alimento dos porcos sua alimentação diária. Esta situação absurda será mostrada de uma forma absurda. O filme será estruturado como um documentário científico, do tipo “Wild Life”. A câmera vai seguir um tomate, desde a sua plantação até o consumo por uma criança da Ilha das Flores, passando pelo supermercado e pela casa de uma consumidora. Todas as informações do texto serão ilustradas, da maneira mais didática possível. A narração será feita no padrão normal dos documentários, sem qualquer tom caricato e sem emoções”. (ILHA das Flores (Texto Original). Disponível em: <http://www.casacinepoa.com.br/os-filmes/roteiros/ilha-das-flores-texto-original> )



Nessa aula foram realizados vários questionamentos a turma sobre o que entendiam por sociedade capitalista. A grande maioria dos alunos participaram ativamente do debate expondo suas ideias e construindo um posicionamento crítico e reflexivo sobre o tema. O documentário funcionou como metodologia para auxiliar o ensino-aprendizagem de História ao permitir que os alunos analisassem criticamente a linguagem fílmica e relacionassem com o conteúdo estudado em sala de aula. Assim, o documentário “não pode ser considerado um trampolim para o real, devido à objetividade do processo técnico que ‘assegura’ o seu valor testemunhal, o filme documentário também traz em si uma carga de subjetividade” (FONSECA, 2009, p. 155), pois pode trazer em seu conteúdo aspectos falsos, montados, verdades e inverdades, sensibilidades, construções discursivas e múltiplas ideias.

Outra atividade desenvolvida foi com uso de imagens que tratam da Igreja Católica na Idade Média. Os acadêmicos, bolsista e voluntário do projeto, apresentaram um breve histórico do poder da Igreja, utilizando imagens das estruturas das igrejas medievais e dos mosteiros, buscando estimular os alunos a conhecerem como era viver nesses lugares. Para a bolsista Valderlanny, o uso das imagens das igrejas e mosteiros medievais reflete:

[...] a dimensão do poder dessas Igrejas era medida pelos grandiosos templos católicos, que simbolizavam a força e o poder que a Igreja Católica detinham nesse período. Explanamos também sobre o estilo artístico adotado na construção dessas igrejas, como por exemplo, o Gótico e o Românico. [...] Utilizar a imagem como fonte histórica é uma forma de aproximar o aluno do conteúdo trabalhado, dando-lhes uma maior dimensão de um tema complexo e numericamente distante no tempo e no espaço, mas que se faz presente na nossa realidade. (DANTAS, 2017)

Logo depois, foi aplicado em sala de aula a exibição do longa-metragem *Caças as Bruxas*, que mostra em seu enredo, as guerras medievais em “nome de Deus”, como também a expansão da Peste Negra pela Europa e, principalmente a forma como eram tratadas as pessoas acusadas e perseguidas pela Igreja Católica por praticarem bruxaria. O conteúdo do filme estava relacionado com o tema da Idade Média contido no livro didático e apresentado pelo professor em sala de aula. Sobre essa atividade, a bolsista Valderlanny disse:

A aplicação dessa aula ocorreu no dia 20 de maio de 2017, foram utilizadas



três aulas, duas para a exibição do filme e uma para a problematização do filme, relacionando-o com o conteúdo do livro didático. Os resultados foram satisfatórios, pois os alunos demonstraram interesse pelo filme, e houve participação de todos. No entanto, o desenvolvimento dessa atividade teve algumas dificuldades como, por exemplo, o tempo de cada aula, que é apenas de 50 minutos, tendo que levar mais de uma aula para a exibição do filme e o pior em dias diferentes. O espaço de tempo de uma aula para outra foi de sete dias. O ideal que em atividades como essas sejam aplicadas em contraturnos. No entanto, não foi possível, porque muitos alunos moravam no interior e não tinham condições de ir para a escola no contraturno. Mesmo com todas essas dificuldades a utilização do filme como fonte histórica é de extrema importância para o ensino de história, porque facilita muito o aprendizado do aluno, é claro, desde que o professor aplique de forma correta com explanação do conteúdo do filme e a sua relação com o conteúdo ministrado, como também a aplicação de atividades de pesquisas que levem os alunos a pesquisarem sobre o conteúdo do filme, como por exemplo, ficha cinematográfica, relatórios, resenhas críticas, dentre outros. (DANTAS, 2017)

Assim, antes de aplicar o filme como metodologia de ensino percebe-se a necessidade de conhecer a realidade dos alunos, visando realizar uma atividade onde os alunos possam participar adequadamente do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, o professor quando utiliza filmes não pode tratá-los como ilustração ou reprodução da realidade, pois:

[...] quando utilizado em atividades didáticas, não se limita a traduzir em imagens os conteúdos pedagógicos reificados. Dono de uma identidade própria, como documento histórico que exige instrumental adequado para sua exploração, o filme na aula de História na escola básica também exige uma proposta didática. Há, primeiramente, que se diferenciar a formação da informação. A maior parte das vezes em que o filme é utilizado, busca-se o maior número de informações sobre um fato histórico, um personagem. A informação pode ser definida como um pensamento que existe em algum lugar, no tempo e no espaço, e a formação como uma série de ações que apontam para um resultado. (ABUD, 2003, p. 189)

O projeto permitiu aos alunos bolsista e voluntário o planejamento e execução de algumas atividades em sala de aula de História como, por exemplo: a aplicação de micro-aulas com uso de fontes históricas (imagens, filmes, música, etc). Essa experiência com o projeto de extensão contribuiu para colocar em prática o conhecimento que os discentes bolsistas adquiriram na Universidade e, principalmente porque puderam experimentar diferentes possibilidades de interação do conhecimento histórico com o ensino de História.



A observação e a aplicação de aulas, utilizando diversos tipos de fontes históricas, possibilitou a aplicação de novas metodologias no ensino de História, promovendo um maior desempenho por parte dos alunos do ensino fundamental. Antes de aplicar o projeto em sala de aula, os bolsistas passaram primeiro por uma série de reuniões para leituras e debates de textos sugeridos pelas professoras coordenadora e colaboradora, com o professor de História para discutir previamente quais os assuntos que iriam ser trabalhados, planejar quais e como iriam aplicar as fontes históricas nas aulas. Assim, os acadêmicos realizaram a observação da prática docente, produção e aplicação de micro-aulas com fontes históricas variadas e, ao término do processo ocorreram várias reuniões para discutir os resultados das atividades realizadas em sala de aula.

Com isso, todo o estudo anterior a execução do projeto, contribuíram para sua preparação e aplicação em sala de aula com relevantes resultados, pois os acadêmicos desenvolveram diversas atividades, principalmente com o apoio do professor de História, das professoras coordenadora e colaboradora do projeto e da escola como um todo. A ideia principal do projeto foi estimular a aplicação adequada das fontes históricas no processo ensino-aprendizagem de História por meio de micro-aulas que pudessem contribuir com as aulas de História do ensino fundamental.

## REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. A construção de uma didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, São Paulo, n. 22, v. 1, p. 183-193, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: História**. Disponível em: [http://basenaacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenaacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf) Acesso em: 30 ago. 2017.

DANTAS, Valderlany Mendes. **Relatório final PIBEU 2016-2017**. Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária. Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2017.

FONASECA, Selva Guimarães. Cinema e ensino de História. **Estante Antiga**, Revista do Arquivo Público Mineiro, p. 151-158, 2009.

NIKITIUK, Sônia L. (Org.). **Repensando o ensino de História**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2009.

SECRETARIA de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VIEIRA, Maria do Pilar; PEIXOTO, Maria do Rosário; KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios)